

TRADUÇÕES DE UM CÓDIGO EM UM TERRITÓRIO DE DIFERENÇAS: DIÁLOGOS DO FILME CÓDIGOS DE GUERRA

Carmem Eliandra Nazareth¹

RESUMO: As pesquisas sobre língua e sociedade proporcionam uma leitura diferenciada no que diz respeito ao uso da língua de um povo, principalmente se este uso modifica os hábitos e os costumes de grande parte de uma população. Refletir sobre a voz das minorias e sobre o que esta voz é capaz de trazer à tona, em um mundo que insiste em tornar herméticas as noções de identidade serão parte dos seguintes questionamentos: até que ponto a língua de um povo pode ser mais importante que o próprio povo? É possível que o uso de uma língua possa vir a ser uma ferramenta de busca de uma alteridade que só aconteceria de forma tardia? Este artigo busca a reflexão sobre o uso político da língua navajo como código linguístico, a subalternidade e a noção de pertencimento do elemento indígena em sua busca pela alteridade como mediadores fundamentais - em uma guerra que também era deles enquanto povo americano.

Palavras-chave: Linguagem. Subalternidade. História Americana. Indígenas. Cinema.

TRANSLATIONS OF A CODE IN A TERRITORY OF DIFFERENCES: FILM DIALOGUES WAR CODES

Abstract: Research on language and society provides a differentiated reading regarding the use of the language of a people, especially if this usage modifies the habits and customs of a large part of a population. Reflecting on the voice of minorities and what this voice is able to bring to light in a world that insists on making her notions of identity hermetic will be part of the following questions: To what extent can the language of a people be more important as the people themselves? Is it possible that the use of a language could be a tool for seeking an alterity that would only happen late? This article seeks to reflect on the political use of the Navajo language as a linguistic code, the subalternity and the notion of belonging of the indigenous element in its quest for otherness as fundamental mediators - in a war that was also theirs as an American people.

Keywords: Language. Subalternity. American History. Indigenous people. Movie theater.

Em 1942, a Segunda Guerra Mundial estava em pleno andamento com milhares de vidas perdidas todos os dias. No estado de Utah, os índios de uma reserva Navajo iniciaram um treinamento em comunicação com a esperança de

¹ Coordenadora Pedagógica do Colégio Sepam. Pesquisadora da formação de professores e do ensino de Língua Estrangeira e Portuguesa, Especialista em Língua Estrangeira/Língua Portuguesa. Professora da Faculdade SECAL. Email: maverish1975@hotmail.com

poderem melhorar a troca de informações na linha de guerra. A base desta comunicação era a língua navajo. Poucos ouviram falar dos *Codetalkers*, porém milhares de soldados americanos devem suas vidas a eles.

Um homem branco, criado em uma reserva navajo desde pequeno, que conhecia o dialeto e sabia como era de difícil compreensão, sugeriu o seu uso como código de guerra. Através deste código, teriam uma vantagem imensa frente aos japoneses, pois não haviam livros escritos sobre este dialeto. Não foi através de um navajo a ideia do uso da língua de seu povo como arma de guerra, mas por ela, muitos indígenas deram suas vidas como patriotas, em defesa do seu país.

O objetivo deste trabalho é a discussão sobre a língua enquanto ferramenta de comunicação e interação, seu papel como ferramenta de exclusão ou inclusão social.

A motivação para esta pesquisa, após uma argumentação acadêmica, sugeriu os seguintes questionamentos: *a língua navajo usada como código modificou a visão que os americanos tinham do elemento indígena? Através do uso do código e do trabalho dos codetalkers, este elemento e sua cultura passaram a ser mais valorizados pelo restante da comunidade americana?*

O foco principal será a análise de alguns diálogos presentes no Códigos de Guerra e a política linguística apresentada na utilização da língua navajo como forma de garantir o sucesso dos Estados Unidos em território japonês em 1942, suas relações com a busca pelo reconhecimento como iguais e a exclusão social do elemento indígena.

É importante destacar que este artigo não tem como objetivo solucionar os questionamentos colocados, mas de forma oportuna, oferecer a possibilidade de reflexão sobre os estudos de políticas linguísticas e seu envolvimento com a identidade dos elementos envolvidos, pela discussão sobre o momento em que a língua de um povo, em determinado evento histórico, mostra-se útil politicamente sem, no entanto, possibilitar a este povo o reconhecimento pela disposição e atitude patriótica, reconhecimento este que aconteceu muitos anos depois de terminada a guerra.

Com a intenção de estudar e discutir os questionamentos apresentados, como objetivo neste trabalho, foi realizada uma pesquisa aplicada onde se buscou produzir conhecimentos adequados à compreensão de determinada realidade(...) (MEKSENAS, 2002, p. 22) , caracterizar um contexto (...) e explorar um aspecto pouco conhecido (GIL, 2002; RICHARDSON, 2007 *apud* VILAÇA, 2010, p.66) . Foram consultados livros, artigos, trabalhos monográficos, jornais, documentários em vídeo e produções fílmicas, de modo a analisar os diálogos citados dentro da antropologia e da política linguística.

Chizzoti (2005, p.11) afirma que:

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida.

Recorrendo a esta observação e à reflexão sobre as políticas linguísticas e suas relações, a proposta é analisar os diálogos entre soldados americanos e soldados navajos . igualmente americanos, porém provenientes de uma reserva indígena, presentes no roteiro do filme *Códigos de Guerra*, de John Woo. Busca-se investigar um mundo desconhecido para refletir sobre um acontecimento que . de diferentes formas, ainda acontece em outras comunidades.

A pesquisa qualitativa, que se insere na lista dos estudos interpretativistas (BORTONI-RICARDO,2008) foi a metodologia utilizada para este trabalho, juntamente com a pesquisa bibliográfica.

Levando em conta que o trabalho com produções fílmicas é uma ferramenta a mais para a compreensão de determinados temas, buscou-se através dele a reflexão desta compreensão na importância dos estudos linguísticos em diferentes apresentações.

Por este motivo, a pesquisa bibliográfica é fundamental. De acordo com FONSECA (2002) *apud* GERHARDT e SILVEIRA (2009, p.37) a pesquisa bibliográfica sendo:

(...) feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

A pesquisa qualitativa foi escolhida, pois segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, e ainda:

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (...) trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O trabalho envolvendo cinema e políticas linguísticas encerra uma reflexão repleta de significados. Envolve relações elementares para adiscussão de temas atualmente muito expostos, como a comunicação e a identidade dos povos . partindo do princípio da busca pela alteridade:

[...] somos seres da linguagem, hermeneutas de um mundo que recriamos de modo contínuo com o sentido que permeia nossa práxis. Através da linguagem, investimos nosso mundo de sentidos e interpretamos não somente *quem*, mas *contra quem* somos. É a linguagem, o Verbo, que forja o homem desde o princípio dos tempos; o discurso é o instrumento da criação do eu e do outro. (RUIZ, 2003, p.15)

A reflexão sobre a transformação possibilitada pela mudança nas formas de interpretação do contexto múltiplo exposto será embasada pelo tipo de pesquisa escolhida e pelos teóricos apresentados.

CÓDIGOS DE UMA GUERRA ENTRE DOIS MUNDOS

O atual cenário do ensino no país mostra que algo precisa ser mudado. Há algum tempo, é possível notar que esta mudança precisa acontecer também com o docente e com sua maneira de encarar as situações diversas pelas quais passam o país, o mundo e a nossa sociedade. O estudo de Políticas Linguísticas levanta a possibilidade de verificar muitas situações sociais em várias linhas de pesquisa, entre estas possibilidades, um filme em especial chama a atenção por tratar de um evento histórico e, paralela a este, a história de um povo e de seu idioma. É sabido que o uso de produções fílmicas como ferramenta pedagógica é uma maneira a mais de proporcionar ao discente a interação com o conteúdo. No caso desta pesquisa, foi o ponto de partida:

Analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme. E embora não exista uma metodologia universalmente aceite para se proceder à análise de um filme é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos (...) (PENAFRIA, 2009, p.6)

Os soldados americanos da reserva navajo, cuja participação na Segunda Guerra Mundial dos Estados Unidos contra o Japão foi essencial, é este *elemento decomposto* a ser analisado, com foco em sua língua - o uso feito dela pelo *outro* e os fatores presentes nos diálogos que mostram o tratamento hostil destes soldados navajos pelos demais, com relação à sua cultura e seu modo e vida.

Importante salientar que, na história do Brasil, um fato muito semelhante ocorreu com a nação indígena e o idioma tupi. Como os jesuítas não conseguiam viabilizar o uso do latim na catequese criaram uma língua geral, a partir de modificações feitas pelo que eles achavam ser o tupi, que era a língua indígena mais falada nesta época, e surgiu o nheengatu, que serviu como uma língua geral até que uma outra política fosse estabelecida:

(...) em 1758, após a expulsão dos jesuítas do país pela Coroa Portuguesa, o Marquês de Pombal torna público o Diretório dos Índios, documento no qual se proibia o ensino de línguas indígenas, particularmente o *nheengatu*, e se estabelecia o português como língua oficial. (MAHER, 2005, p.122)

Durante o processo da colonização portuguesa, os indígenas tiveram seus dialetos subtraídos e sua identidade subjugada, usurpada e em determinados momentos, silenciada por elementos que tomaram posse de tudo o que havia. Com os navajos não foi diferente em alguns aspectos: eles foram levados ao alistamento no exército como soldados especiais que, através do uso de sua língua, ajudariam os Estados Unidos naquela guerra contra o Japão. Durante seu treinamento, foram monitorados, pois não podiam utilizar a própria língua com nenhum outro soldado, a não ser os navajos, e apenas para comunicação básica. Ou seja, sendo índios, não podiam ser índios nem com seus iguais.

A língua de um povo tem papel fundamental para a construção de sua identidade, além da importância comunicativa e de ligação entre os membros da comunidade. Magalhães (2005, p.16) afirma que “[...] o homem usa o conhecimento para reagir ao meio e, se possível, transformar esse meio; ou seja, o conhecimento de uma situação pode levar a uma determinada ação, e com isso, o que se pretende com este estudo é abordar a reflexão como reação.

O roteiro do filme *Códigos de Guerra* se propõe contar a história sobre um fato quase ignorado da Segunda Guerra Mundial. Não é de conhecimento de muitos o episódio do código americano baseado na língua dos índios navajos, que nunca foi decifrado. Ben Yahzee (Adam Beach) e Charles Whitehorse (Roger Willie) vivem dois navajos vistos por fuzileiros navais brancos. E são coadjuvantes, quando deviam ser protagonistas.

[...] o Índio não fala na história (nos textos que são tomados como documentos). Ele não fala, mas é *falado* pelos missionários, pelos cientistas, pelos políticos. [...] Eles falam do Índio para que ele não signifique fora de certos sentidos necessários para a construção de

uma identidade (...) determinada em que o Índio não conta.
(ORLANDI, 1997, p.59)

Esta visão é muito nítida ao se observar a cena ocorrida aos 13min52seg do filme, quando o Oficial informa ao Sgt. Joe Enders a sua função naquela missão, que era *proteger o índio para que este conseguisse executar seu trabalho, mas que caso o índio estivesse na iminência de ser capturado, o Sgt. deveria proteger o código nem que fosse preciso, para isso, executar o índio.*+Este diálogo mostra que a importância estava em proteger a língua, e isso não tinha a ver com o elemento indígena que era capaz de transmitir um código e nem à importância que a transmissão destes códigos tinha para aquela realidade. Realmente, o índio . aqui, não contava!

Aos 26min36seg, durante um mal súbito do Sgt. Joe Enders que sai de uma reunião e é seguido pelo índio Yahzee, ocorre a seguinte conversa:

Sgt. Joe Enders: - *O que você está fazendo aqui?*

Yahzee: - *Você quer dizer ~~o~~ que faço aqui+ neste uniforme? É minha guerra também! Luto pela minha terra, pelo meu país, pelo meu povo!*

Sgt. Joe Enders (irônico) - *Eu não estou nem aí para o seu povo...*

Yahzee: (sorrindo) - *Olha, sou um decifrador de códigos. E um oficial com uma patente maior que a sua acha que isto é importante.*

Aqui se mostra a desapropriação humana do elemento navajo, em detrimento da importância que o uso de sua língua naquele momento de extrema importância apresenta, e principalmente, a visão singular que Yahzee mostra ter sobre si mesmo e sobre seu povo. Ele é o *outro* rejeitado, desconsiderado, sem - no entanto, se deixar abalar:

A animosidade suscitada pelo estrangeiro, ou no mínimo a irritação (*“O que você está fazendo aqui?”* *“Aqui não é o seu lugar!”*) pouco o surpreendem. De bom grado ele sente certa admiração para com os que o acolheram, pois em geral acredita serem eles superiores, seja material, política ou socialmente. Ao mesmo tempo não deixa de julgá-los um pouco limitados, cegos. Pois os seus anfitriões
Fac. Sant'Ana em Revista, Ponta Grossa, v. 3, p. 83-96, 1. Sem. 2018
Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/index>

desdenhosos não possuem a distância que ele possui, para se ver e para vê-los. (KRISTEVA, 1994 p. 14)

Yahzee age como se aguardasse uma maturação, ainda que lenta, da aceitação de sua condição pelo seu superior, pois sabe que ali existe uma inversão de necessidades, de quem realmente precisa de quem naquele momento. Na sequência, o diálogo ocorrido por volta de 1h09min37seg do filme, quando os soldados em marcha pela ilha comentam sobre o que querem fazer quando a guerra acabar, ilustra a situação do preconceito com relação às minorias mostradas no filme:

Sgt. Anderson: - *Quando acabar a guerra, quero misturar morangos com aquilo que os suíços chamam de iogurte.*

White-horse: - *Eu quero comer um carneiro. (riso dos demais soldados)*

Yahzee: - *White-horse é o maior criador de carneiros no Oeste da reserva.*

Soldado Chick: *(Irônico) - Ah! Então ele é rico? (Silêncio)*

Yahzee: *(Questionado sobre o que quer fazer.) . Quero ser professor!*

Sgt. Anderson: - *Na reserva? Quer levar o conhecimento do povo branco aos navajos?*

Yahzee: - *Não, não! Na verdade quero ser professor e levar às universidades o modo de vida dos navajos, nossa cultura e sociedade para o mundo. Ensinar História Americana.*

Soldado Chick: - *Ah, é disso que precisamos! Um Yazhee ensinando os garotos a escarpelar pessoas com um chifre pequeno.*

Aqui, a noção de que o estudo acadêmico não serviria para um navajo, e principalmente, que o que precisava ser ensinado era o conhecimento branco aos navajos, como se estes não tivessem uma cultura e vários ensinamentos (como sua língua, por exemplo) que poderiam ser passados aos brancos:

[a.] as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação, de ebulição. Elas estão sendo constantemente reconstruídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão

surgindo. A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo+. . (RAJAGOPALAN, 2003, p. 71)

A troca cultural e as possibilidades que podem ser criadas a partir dos conhecimentos das minorias são latentes nesta reflexão. As diferenças e as singularidades bem como a real noção de prioridades são bem delineadas no diálogo ocorrido por volta de 1h13min56seg da produção vista, em uma das cabanas de um vilarejo atacado, entre Yahzee e Sgt. Joe Enders, sobre a infância:

Sgt. Joe Enders: - *Lembro de ter sido crismado e que o padre me disse que eu era um soldado de Cristo a partir daquele momento.*

Yahzee: - *Fui criado como católico também. Crismado em uma reserva navajo cheia de padres. É engraçado, era uma escola católica na reserva em que me proibiam de falar o idioma navajo. Eles não gostavam que falássemos principalmente na missa. Um dia esqueci disso, e como castigo, me amarraram no porão por dois dias. Eu tinha 8 anos.*

Sgt. Joe Enders: - *É....agora com certeza deixam você falar navajo.*

Nesta, que já é parte próxima do final do filme, ambos os personagens já mostram um laço de afeto diferente, movido pela crise de consciência do Sgt. Joe Enders, que percebe, então, a forma como o Exército trata aqueles soldados navajos e seu código.

[..] se a cultura é, (...)um território de diferenças que precisa de permanentes traduções, o problema crucial é quem traduz a quem (ou quem representa a quem) e através de quais significados políticos. (BRABHA, 1998, *apud DUSCHATZKI e SKLIAR, 2001, P.122*)

O código navajo mudou a dinâmica da Guerra por completo. A tradução para este ato de patriotismo foi reconhecida quase 50 anos depois de terminada a guerra, quando muitos dos *codetalkers* já haviam morrido, sem

que suas histórias tivessem tradução relevante, e principalmente, sem que fosse dada voz, realmente, a estes soldados.

CINEMA E MINORIAS

Os resultados alcançados no presente estudo abrem espaço para questionamentos acerca da intencionalidade do planejamento linguístico. Qual é o motivo pelo qual, na maior parte das produções cinematográficas, quem conta a história continua não acreditando que as minorias sejam capazes de relatar suas próprias experiências? No filme *Códigos de Guerra*, outras minorias . além dos indígenas navajos, são mostradas. O soldado italiano, cuja interpretação mostra a situação do imigrante que busca na América o alento para seus sofrimentos, ou o soldado que faz a linha do conservador, que honra os valores de família e suas origens e que por este motivo, é rechaçado pelos demais. Entretanto, o maior preconceito mostrado recai sobre o elemento indígena. Quando o código foi criado a partir da língua dos navajos, isto aconteceu somente porque uma pessoa, que não era indígena, de forma política resolveu usar a língua como arma, colocando na linha de frente pessoas que não precisariam estar ali da maneira como aconteceu. O modo de vida e a cultura deste povo não foram levados em conta. Eles eram dispensáveis, o que importava era um código que não podia ser descoberto pelo inimigo.

Conforme descrito no início deste estudo, uma situação peculiar aparece na fala do oficial que passa a missão a um dos protagonistas (Sgt. Joe Enders), mostrando a ele que, naquele momento, proteger o código era mais importante, mesmo que para tanto precisasse eliminar o comunicador . no caso, o navajo. A ideia de que uma língua, vinda de um povo minoritário cuja história mostrava entraves desde o período colonial, pudesse levar à vitória na guerra, para muitos soldados, era uma espécie de derrota pessoal. E estes, como se mostra no decorrer do filme, nos diálogos escolhidos, demonstravam esta derrota

tratando mal os indígenas, e fazendo com que ficasse muito claro o seu despreço.

Os resultados encontrados no presente estudo sugerem que muito ainda precisa ser discutido com respeito ao outro, à aceitação deste e principalmente, ao fazer valer a sua voz. É possível afirmar que a missão dada ao Sgt. Enders para defender o código, em primeiro lugar, apresenta uma manobra de caráter moral duvidoso, que traz à tona a discussão principal sobre o que, realmente, torna uma vida mais cara do que outra e sob que circunstâncias uma língua tem este poder, de definição na vida ou na morte.

O uso de comunicações alternativas foi feito durante a Guerra, mas até o código navajo, todos haviam sido decifrados. Do planejamento até o uso efetivo da língua navajo na guerra, o tempo foi relativamente curto devido à eficácia do mesmo ter se mostrado além do esperado.

Com o êxito do primeiro grupo de *codetalkers* na missão a eles confiada, novos soldados foram postos na frente doméstica americana no estado de Utah, iniciando seu treinamento em comunicação com a esperança de continuarem a troca de informações na linha de guerra. Os mesmos americanos que procuraram educar os filhos daquele povo, esperando que ao americanizar a geração mais nova resultasse na americanização de toda a nação vindoura, agora precisavam de índios que decorassem o código já montado. O planejamento linguístico imposto nas reservas não foi capaz de fazer com que os navajos deixassem de lado sua cultura e principalmente, sua língua. Esta, que por várias vezes havia sido combatida, precisou ser usada sem erro!

Através do estudo dos diálogos, pode-se perceber como o uso da língua de um povo pode ser um elemento includente ou excludente, ao mesmo tempo. Os navajos tiveram seu reconhecimento muito mais tarde do que a maior parte dos soldados que lutaram na mesma guerra. Seus costumes e sua história misturam-se com a história da colonização americana, assim como a história dos indígenas no Brasil, e a situação de sua língua em várias situações, também é análoga.

Nos diálogos trabalhados neste estudo foram mostradas características que unem discussões identitárias e sociolinguísticas. A percepção da valorização do objeto da comunicação em lugar do comunicador, a noção de pertencimento mostrada pela reação do navajo quando questionado sobre os motivos pelos quais ele estava usando um uniforme e lutando por um país que não era dele, como se ele . por ser indígena, fosse menos americano do que qualquer outro soldado ali, quando na verdade o contrário seria o correto.

Necessitados urgentemente de um fator de integração, com o código navajo o exército americano alcançou perto da função estética citada por Corbeil (2007, p. 89):

As funções de comunicação e de expressão são correlativas, já que recobrem duas intenções do mesmo ato de fala: dizer o mais exatamente possível o que se tem a dizer (exprimir-se), extraíndo do conhecimento que se tem da língua os elementos mais aptos a transmitir a mensagem; fazer-se compreender (comunicar-se), levando em conta a competência linguística do interlocutor. A função estética se manifesta quando a língua é considerada como um material do qual se quer obter efeitos, como se dá na literatura, na poesia, no teatro, na canção, ou ainda na publicidade ou na arte oratória. Enfim, a função lúdica indica que o uso do sistema linguístico é também uma fonte ou uma ocasião de jogo e de prazer. No planejamento linguístico, as funções mais importantes são a função integrativa e a função de comunicação.

Buscava-se obter, como efeito, a comunicação codificada, como um enigma. E isto foi conseguido. Os mesmo elementos cujos sonhos eram motivo de piada entre os demais soldados foram capazes, em conjunto com outros soldados navajos, evitar a morte de milhares de soldados ao utilizarem de forma sem antecedentes, uma língua como estratégia de guerra.

Refletir sobre o que é feito de um povo, o uso de sua cultura e de sua gente, na intenção do bem estar coletivo de um número maior de elementos de uma sociedade, abre uma gama de possibilidades para pesquisas posteriores, principalmente no campo da sociolinguística e da antropologia.

Todas as nuances mostradas no desenvolvimento deste estudo são efetivamente sobre como, apesar de ter se mostrado de extrema importância

para o desenrolar de uma tática de defesa na guerra dos Estados Unidos contra o Japão, em determinado momento a língua foi mais importante do que o elemento que fazia uso dela.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maria. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 7 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

CORBEIL, J. C. Lombarras des langues. **Origine, conception et évolution de la politique linguistique québécoise**, Montréal, 2007.

DUSCHATZKY, Sílvia. SKLIAR, Carlos. O nome dos outros: Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge. SKLIAR, Carlos (org.) **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GERHARDT, T., SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 14, 1994

PENAFRIA, M. VI **Congresso SOPCOM**. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). , v. 6, Lisboa, 2009.

MAGALHÃES, G. **Introdução à metodologia da pesquisa: caminhos da ciência e tecnologia**. São Paulo: Ática, 2005.

MAHER, Terezinha Machado. **Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil**. Política e políticas linguísticas. Campinas: Pontes Editores, 2013.

MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Loyola, 2002.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.

RUIZ, C. B. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo: Unisinos, p.15, 2003.

VILAÇA, Márcio L. C. Pesquisa e ensino: considerações e reflexões. Revista e-scrita: Revista do Curso de Letras da **UNIABEU** v.1, p. 59 . 74, 2010.

Recebido em 01/04/2018

Versão corrigida recebida em 09/06/2018

Aceito em 20/07/2018

Publicado online em 31/07/2018